

# As relações entre jornalistas e assessores na Presidência da República: disputa ou cooperação?

Fabio Henrique Pereira\*

*\* Doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília.  
Atualmente, cursa o doutorado-sanduiche na  
Université de Rennes I (França).*

**N**este artigo investigamos as relações entre jornalistas e assessores de imprensa responsáveis pela cobertura e divulgação dos eventos ligados ao presidente Lula. Durante quatro dias – de 11 a 14 de janeiro de 2005 – acompanhamos o cotidiano do Comitê de Imprensa do Palácio do Planalto, local onde trabalham os setoristas que cobrem a Presidência da República e da Secretaria de Imprensa e Divulgação (SID), órgão responsável pelo atendimento a imprensa e divulgação de informações sobre o presidente. Trabalhamos ainda com o depoimento de assessores e jornalistas envolvidos na cobertura.

Durante a elaboração deste trabalho, tentamos nos ater aos conflitos de interesses e identidades profissionais presentes na relação entre jornalistas e assessores. Ao trabalharem em campos opostos dentro da cadeia noticiosa, estes dois profissionais estariam envol-

## Artigo

Fabio Henrique Pereira

vidos numa disputa? Ou seriam co-autores de um processo de divulgação da informação, cumprindo uma mesma função de dar transparência às ações do presidente Lula?

À partir do confronto entre os diferentes depoimentos será possível perceber em que sentido essas identidades podem confluir para um gênero profissional híbrido (Adghirni, 2004; Utard, 2003) ou em que medida as fronteiras que separam jornalismo e comunicação dentro do processo noticioso continuam estáveis. Não temos a pretensão de elaborar conclusões definitivas sobre este assunto, mas acreditamos que esta colaboração é de grande importância para as pesquisas que vêm sendo realizadas sobre o tema.

### Jornalistas e assessores: algumas reflexões

A expansão e consolidação das assessorias na década de 1990, revelou a importância do papel do assessor de imprensa na cobertura jornalística. Com base em alguns autores, mapeamos duas grandes posições teóricas a respeito do tema. De certa forma, eles repetem, com todas as gradações, a metáfora do embate entre apocalípticos e integrados dentro dos estudos em comunicação. De um lado alguns pesquisadores entendem que os interesses entre jornalistas e assessores são inconciliáveis e os colocam em campos opostos. Outro autores acreditam na convivência pacífica ou mesmo na confluência de interesses entre as identidades por meio de um processo de hibridação das profissões de assessor e jornalista.

*1º) Os apocalípticos: Jornalistas e assessores possuem funções e interesses distintos na sociedade e ocupam lugares opostos dentro do processo de produção da notícia*

Os jornalistas seriam responsáveis pela produção e difusão de *informações*. Para Marcondes Filho (2000: 107), esta função estaria ligada ao trabalho de investigação e triagem dos acontecimentos em busca do que deve ser noticiado: “A informação seria tudo aquilo que os jornalistas buscam por si mesmos, que não ganham de graça, que dá trabalho e que se torna notícia pela sua própria natureza”. Ser jornalista, neste sentido, é estar dotado de um faro que lhe

permite distinguir os eventos que merecem ou não serem noticiados. É também respeitar os dogmas sagrados da profissão – a objetividade jornalística e o interesse público – necessários como mecanismo de legitimação do jornalista como mediador do espaço público.

Os assessores, por sua vez, atuariam dentro da esfera da *comunicação*, ou seja, “às formas de ‘fabricar fatos’, de criar notícias, de seduzir jornalistas para fatos originalmente não-jornalísticos mas suficientemente atraentes para cativá-los e fazê-los transformar em notícia” (Marcondes Filho, 2000: 107). Como comunicadores, os assessores de imprensa trabalhariam junto aos jornalistas na promoção de seus clientes. “Eles se valem de estratégias sofisticadas e de muita verba para levar material de imprensa a jornalistas, para que eles o ‘comprem’, isto é, o desenvolvam e publiquem”.

Para Zélia Adghirni (2004: 03), a legitimidade do jornalista está justamente na crença de sua isenção diante dos fatos. “O poder de ‘fazer crer’ está ligado a imagem de credibilidade do jornalismo. E este seria ainda o capital maior do campo do jornalismo”. Já compromisso do assessor, segundo Walter Lippmann (1970: 191), estaria em produzir uma verdade relativa, incapaz de ferir os interesses do assessorado. “Censor e propagandista, responsável apenas perante seus empregadores, o assessor de imprensa só é responsável pela verdade na medida em que esta se harmoniza com a concepção que o empregador tem dos próprios interesses”.

Esta situação colocaria jornalistas e assessores em campos opostos. Na legislação francesa, por exemplo, a classificação do jornalista aproxima-se mais de profissões como o bibliotecário e o escritor (grupo 03), do que dos apresentadores de TV e dos assessores de imprensa (*attaché de presse*), que pertencem ao grupo 04 (Neveu, 2001). Isso não significa que as profissões estejam distantes no cotidiano das rotinas produtivas. A interdependência entre jornalistas e assessores é evidente e esta proximidade é que tende a provocar divergências entre eles (Ruellan, 1997). A existência de uma carreira profissional de jornalismo na França evidencia o poder simbólico da profissão de jornalista e representa um “muro” que protege os jornalistas da “imoralidade” inerente à esfera da comunicação.

## Artigo

*Fabio Henrique Pereira*

Em Portugal a divisão não é imposta pela legislação, mas é costume que os jornalistas que atuam como assessores cumpram uma espécie de quarentena antes de retornarem à redação. No Brasil, a legislação garante o monopólio da profissão às pessoas que possuem diploma em jornalismo. Não há nenhum tipo de impedimento legal para o exercício da profissão de assessor de imprensa, que frequentemente é ocupado por jornalistas. Na medida em que as fronteiras entre assessores e jornalistas são, na prática, muito mais movediças, do que postulam os defensores de uma divisão rígida entre estas duas esferas, alguns teóricos vão buscar uma posição oposta aos apocalípticos.

*2ª) Os integrados: Jornalistas e assessores estão dentro de um mesmo processo produtivo noticioso e compartilham de valores e interesses comuns*

Mesmo que não pertençam à mesma instituição, jornalistas e assessores interagem entre si e colaboram na produção do noticiário, numa relação simbiótica. Os jornalistas precisam, numa velocidade cada vez maior, de informações que possam servir de auxílio na cobertura de um evento. Os assessores fornecem estas informações e garantem visibilidade aos seus assessorados.

A formação universitária e a experiência profissional compartilhada – a maior parte dos assessores de imprensa possuem diploma de jornalismo – permite a compreensão das respectivas rotinas profissionais e até mesmo o estabelecimento de relações de coleguismo. O companheiro de redação de hoje pode ser assessor de imprensa no dia seguinte.

O conhecimento das rotinas produtivas e valores profissionais do jornalismo permite ao assessor produzir uma comunicação mais eficaz. O bom assessor não é dogmático, mas consegue associar os interesses da instituição em que trabalha aos interesses da mídia. “Mas que um simples intermediário, o assessor de comunicação tem que ser um especialista, tanto em imprensa e suas rotinas produtivas quanto em assuntos pertinentes à personalidade e/ou instituição (Castanho, 2003: 196).

É nessa proximidade entre duas profissões aparentemente inimigas que se estabeleceu a hipótese compartilhada de fenômenos de porosidade e de contaminação entre práticas historicamente separadas dentro da comunicação (Utard, 2003). Neste caso, consideramos que o jornalista não seria mais detentor do monopólio de produção de informações que passa a ser mediada por outras instituições.

Falamos aqui de uma redução da esfera de competências profissionais dos jornalistas com o surgimento de novos atores que se dedicam à produção e difusão em grande escala dos acontecimentos, como é o caso dos funcionários que atuam nas mídias das fontes. Segundo Francisco Sant'Anna<sup>1</sup>, essas novas mídias, criadas por órgãos governamentais e movimentos sociais, estariam preocupadas, não apenas em transmitir informações *intracorporis*, mas principalmente em ocupar a agenda mediática com o ponto de vista setorial referente aos fatos gerais. Nesse sentido, é cada vez mais difícil separar o jornalista das outras habilitações dentro do campo da comunicação, na medida em que os referentes utilizados se confundem. Dentro desse cenário, qual seria o papel do jornalista? Na medida em que assessores também participam do processo de produção da informação, eles passariam a compartilhar a mesma função do jornalista? Ou seria possível perceber diferenças na atuação dessas duas categorias profissionais na sociedade? É possível visualizar alguns pontos desse debate no cotidiano de jornalistas e assessores que cobrem diariamente a Presidência.

## A relação entre assessores e jornalistas na Presidência da República

Nossa pesquisa gira em torno de dois locais específicos: o Comitê de Imprensa e a Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência (SID). No Comitê, localizado no primeiro andar do edifício, cerca de 30 jornalistas acompanham a agenda diária do presidente

---

<sup>1</sup> No texto "Mídia das fontes: O difusor do jornalismo corporativo", disponibilizado pelo autor.

## Artigo

Fabio Henrique Pereira

Lula. A maioria dos repórteres é bastante jovem, a idade média não ultrapassa os 30 anos. O expediente começa pela manhã e não tem previsão para terminar: enquanto o presidente não deixar o Palácio do Planalto os jornalistas continuarão no Comitê.

No seu dia-à-dia os jornalistas costumam recorrer bastante aos assessores da SID. Não só em busca de informações oficiais, mas para confirmar alguma informação de bastidor ou mesmo pedir um *off*. Para atender os repórteres, a Secretaria conta com 73 funcionários, 13 deles lotadas na “Redação”<sup>2</sup>. Nos anos de 2003 e 2004, os assessores atenderam cerca de 43.394 jornalistas por telefone. Outros 8.908 profissionais foram atendidos pessoalmente<sup>3</sup>. Sem falar nos jornalistas que sobem informalmente até o 2º Andar do Palácio do Planalto, local onde fica a Redação da SID, para uma conversa informal com os assessores.

Para reduzir parte dessa demanda, a Secretaria inaugurou em setembro de 2003 uma página na internet ([www.info.planalto.gov.br](http://www.info.planalto.gov.br)). Durante 15 meses de funcionamento, o site publicou 528 agendas do presidente, 2.205 notas, 2304 fotografias e 190 programas de viagem. Embora fique disponível a qualquer pessoa, o conteúdo da página é voltado exclusivamente aos jornalistas que cobrem a Presidência.

### Análise do material pesquisado: hibridação e identidade profissional

Para compreender o processo de hibridação entre os gêneros informação e comunicação no Palácio do Planalto, nos ateremos à questão de identidade profissional<sup>4</sup>. Entendemos que o conceito de identidade conceito não se resume a uma categoria simbólica, deri-

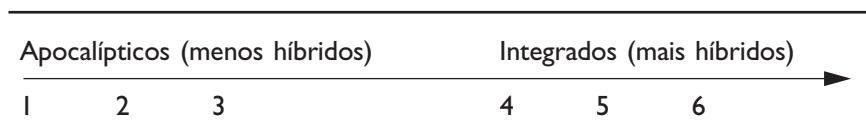
<sup>2</sup> A Redação da SID é dividida nos seguintes setores: imprensa nacional (3 jornalistas), regional (2 jornalistas), internacional (2 jornalistas), fotografia (1 jornalista), site (4 jornalistas) e operação de reportagem (1 jornalista)

<sup>3</sup> Dados retirados do Relatório das Atividades da SID 2003/2004, disponibilizado pela Secretaria.

<sup>4</sup> Para mais informações sobre as noções teóricas utilizadas na hipótese da hibridação, ver “O embaralhamento nos gêneros midiáticos. Gêneros de discurso como conceito interdisciplinar para o estudo das transformações da informação midiática”, de Jean Michel Utard, disponível na bibliografia.

vada das representações dominantes, muitas vezes construídas de acordo com os interesses da própria categoria (Ruellan, 1997). Na verdade, a identidade se constitui por um processo de diferenciação/exclusão e não da criação de uma unidade idêntica, inteiriça e ‘sem-costuras’ (Hall, 2000).

Nesse sentido, embora assessores e jornalistas possam a princípio pertencer a esferas distintas dentro da produção midiática, é possível perceber pontos de divergência e contato entre as identidades. A sistematização desses pontos na cobertura da Presidência pode ser resumida numa escala em que são posições mais apocalípticas ou integradas sobre o processo são evidenciadas (ver figura 01). É preciso deixar claro que a construção dessa escala não tem a intenção de classificar os atores como mais ou menos híbridos, mas mapear o processo de hibridação à partir das diversas falas e situações que compõem nosso estudo empírico.



*1) Jornalistas e assessores são inimigos. Para os jornalistas, os assessores são um empecilho ao trabalho de apuração.*

Essa é a posição mais comum no discurso dos repórteres que cobrem o Palácio do Planalto. A rotina estressante, pautada na agenda do presidente, acaba induzindo ao chamado “jornalismo de portaria”. Ou seja, não há espaço para a coleta de *offs* ou informações exclusivas. Segundo a repórter da *Radiobrás* Ana Paula Tamarra, esse tipo de rotina deve-se, em parte, à postura fechada da SID, que é bastante cautelosa ao divulgar informações. A reclamação de Ana Paula é corroborada pelo depoimento de outros jornalistas, como Carolina Guimarães, repórter do *Diário do Comércio e Indústria* e Luciana Matosinhos, que trabalha na rádio *Jovem Pan*.

Embora, negue qualquer tipo de autoritarismo no seu trabalho, os profissionais da SID confirmam a cautela na publicação de informações, que são tomadas como posições oficiais da Presidência da

## Artigo

Fabio Henrique Pereira

República. Por outro lado, eles reclamam da postura dos repórteres. Uma assessora conta que é preciso sempre tratar os jornalistas com boa vontade e educação. Caso contrário, pode haver represálias como a publicação de um fato mentiroso que é propositalmente atribuído à SID.

### 2) Jornalistas e assessores trabalham para instituições cujos interesses divergem.

Jornalistas e assessores trabalham dentro de lógicas diferentes. O objetivo da SID é preservar a imagem do Presidente. Essa posição pode ser conferida no depoimento do Secretário de Imprensa, Fábio Kerche, e da Assessora para imprensa internacional, Ana Moreli:

*Não é a imprensa que paga o meu salário, não substituo o trabalho de apuração do jornalista, não faço a análise crítica que ele faz. Eu faço uma ponte entre o governo e os jornalistas, mas meu chefe é o Presidente da República. (Fábio Kerche).*

*Trabalho para o governo brasileiro e não para os jornais internacionais. Por isso, é preciso ficar o tempo todo prestando atenção no que a mídia brasileira diz porque ela repercute a mídia internacional fala. E tem que prestar atenção na mídia internacional para ver o que está interessando a eles. (Ana Moreli).*

Os jornalistas, por outro lado, buscam informações que nem sempre são as mesmas que a SID quer divulgar. Isso gera conflitos entre as duas agendas. No dia 12 de janeiro, o Presidente Lula recebeu a primeira visita de um chefe de estado búlgaro. Durante a visita, alguns acordos na área de esporte e relações internacionais foram assinados. Contudo, no dia seguinte, a matéria publicada pelo jornal *Folha de São Paulo* centrou-se na ausência de garçons durante o almoço servido no Palácio do Itamaraty. No dia 13, o presidente sancionou, numa solenidade no Palácio do Planalto, o Programa Universidade Para Todos (Prouni), que prevê bolsas integrais para estudantes carentes. Porém, a cobertura feita pelo jornal da *TV Bandeirantes* preferiu explorar uma declaração feita por Lula, onde

dizia que, ao fim de seu mandato acabasse, ele e o vice-presidente José Alencar poderiam também se inscrever no Prouni.

Outro detalhe interessante é o preconceito dos repórteres da mídia convencional com os colegas que trabalham na Radiobrás. Essa visão é atestada pela repórter Ana Paula Tamarra e pelo fotógrafo Roberto da Costa Barroso que cobrem o Planalto pela *Agência Brasil*. Segundo eles, os jornalistas da mídia tradicional se acreditam superiores, como se os profissionais da Radiobrás fossem repórteres de segunda ordem.

### *3) Jornalistas e assessores possuem rotinas diferentes que muitas vezes geram conflitos.*

Parte dos conflitos entre jornalistas e assessores são causados pelas diferentes temporalidades que perpassam o mundo da política e o mundo da mídia. Autores como Sylvia Moretzsohn (2000), Dominique Wolton (2004) já haviam apontado essas divergências. A pesquisadora portuguesa Estrela Serrano (1999: 07) ilustra bem essa perspectiva ao afirmar que:

*O tempo dos media e o tempo da política não são compatíveis. Os media precisam de boas histórias que enfatizem os aspectos fora do comum, controversos ou dramáticos do mundo e da política. Os media orientam-se para acontecimentos que possam constituir se em oportunidades de notícias, não para valores de natureza política.*

Essa diferença foi bastante apontada pelos integrantes da comunicação no Palácio do Planalto, conforme apontam os depoimentos abaixo

*Se governo faz uma reunião para discutir um assunto, é lógico que a imprensa já quer a decisão. Mas não tem decisão. Às vezes, recebo um telefonema de um jornalista às sete da noite, desesperado porque tem que fechar a matéria. E eu não posso responder prontamente. O tempo da imprensa é muito mais imediato e o tempo do governo exige mais elaboração. E, às vezes esses tempos entram em conflito". (Fábio Kerche)*

## Artigo

Fabio Henrique Pereira

*Muitas vezes falta essa compreensão no nível da prática para dar a esse correspondente um atendimento rápido, compreendendo as necessidades dele em termos de deadline, extensão do assunto, citação de fontes, que é uma característica da imprensa estrangeira. (Ana Maria de Matos, Assessora Responsável pela Imprensa Internacional).*

*Quando a notícia está no noticiário online, a expectativa do meio é que tenhamos as respostas rapidamente. O tempo político é diferente do tempo da imprensa, a pressão sobre o jornalista às vezes é contraditória em relação ao tempo da política. (Rodrigo Baena, porta-voz adjunto da Presidência da República).*

A falta de sincronia entre o ritmo dos assessores e dos jornalistas tende a se agravar na era do ‘tempo real’. Isso pode levar a duas conseqüências distintas: ou os jornalistas atropelam o tempo da política e publicam informações sem credibilidade, como mostram os trabalhos de Zélia Adghirni<sup>5</sup> e Sylvia Moretzsohn (2002); ou os assessores se adaptam à temporalidade da mídia. Segundo o Fábio Kerche, o Presidente Lula, por exemplo, costuma acompanhar, em tempo real, os despachos da *Agência Broadcast*, que publica informações voltadas para o mercado financeiro.

#### **4) Assessores afirmam preservar a autonomia dos jornalistas no publicação das notícias.**

Jornalistas e assessores podem diferir no tratamento das informações. Conflitos podem surgir, mas os assessores reconhecem a importância do trabalho dos jornalistas e procuram não interferir nas suas práticas. Dentro dessa esfera de hibridação, os contrastes entre assessores e jornalistas são menos evidentes. Há uma trégua nas disputas entre os dois profissionais, que preferem se ignorar:

*Se um jornalista acha que não deve comprar o avião presidencial, é um direito dele. Mas se o jornalista dá o valor errado da compra, é o meu dever corrigir. Não cabe a mim julgar o trabalho da imprensa.*

---

<sup>5</sup> Ver as diversas pesquisas da professora sobre jornalismo em tempo real.

*sa. Ela é livre e tem todo direito de fazer uso desse espaço. Caso a gente considere que uma informação está equivocada ou que há algum abuso, há uma série de instrumentos que podem ser usados, existe uma legislação regulando isso. Mas a imprensa tem total liberdade para escrever o que quiser. (Fábio Kerche).*

*Agora que estou do lado do governo, entendo que há uma exigência de crítica do jornalismo, ilustrado pelo dito “good news, no news”. Ou seja, notícia boa não é notícia. Esse é um pensamento que, embora eu não concorde totalmente, faz parte do jornalismo. E isso me impede de achar que os jornalistas estão mau-intencionados em algumas ocasiões”. (Ivan Marciglia, Assessor Responsável pela imprensa regional).*

### **5) Assessores compreendem o processo de produção jornalístico e buscam colaborar:**

A frequência com que os profissionais com formação universitária em jornalismo transitam entre redações e assessorias de imprensa ajuda a explicar essa empatia. Dos cinco assessores que entrevistamos, três tinham diploma de jornalismo e quatro possuíam alguma experiência em redação. Mesmo o Secretário de Imprensa, Fábio Kerche, sociólogo, cientista político e que nunca havia trabalhado com jornalismo, afirma ter se preparado para o cargo com ajuda dos colegas jornalistas André Singer e Ricardo Kotcho. Assim, entendemos que neste nível de hibridação, não se trata apenas de respeitar o jornalista, mas de colaborar com a apuração, à partir de elementos do própria experiência dos assessores numa redação:

*Se você passou um tempo numa redação e viu como funciona aquela estrutura, a pressão que você sofre no dia-à-dia pela informação; quando vem para o outro lado, você já traz todos os benefícios e dificuldades daquela relação com o jornalista. Quando alguém me liga desesperado querendo informação, muitas vezes aquilo me sensibiliza porque eu sei o quê o cara está passando do outro lado. Eu acabo me tornando solidária com a dificuldade dele, com a necessidade dele”. (France Coelho, editora do site da SID).*

## Artigo

*Fabio Henrique Pereira*

*Acho importantíssimo que um assessor de imprensa tenha passado pelo mercado. Senão ele vê as coisas muito teoricamente, não tem noção da pressão do editor, da pressão do deadline, não tem noção do enfoque jornalístico, não tem noção de gancho. (Ana Morelli).*

*Sei e entendo um pouco as demandas da imprensa. Como já fiz matérias, entendo o que você procura quando vai atrás de uma certa informação. Eu sei interpretar o que eles estão precisando de uma maneira mais clara do que alguém que não é jornalista. Sei de coisas que só um jornalista sabe: como funciona a mecânica de um redação, como é ter um repórter que a um editor e que muitas vezes já tem uma idéia ou uma hipótese que quer que você comprove na apuração. (Ivan Marciglia).*

*Lido o tempo todo com o que essas pessoas escrevem, analiso este trabalho, tenho uma atuação junto aos jornalistas no sentido de ajudá-los a ter elementos para escrever. Nós avaliamos as necessidades desses jornalistas e obtemos a fontes, tentamos proporcionar facilidades que os jornalistas estrangeiros usam com toda força” (Ana Maria Matos)*

*O assessor de imprensa também tem credibilidade. Se eu tirar o jornalista do caminho, amanhã ele não me liga de novo. É uma troca. O jornalista passa a confiar em mim e isso me dá liberdade, dentro dos limites do razoável, para ligar, corrigir uma informação, conversar com ele”. (Fábio Kerche).*

Essa última declaração, feita pelo Secretário de Imprensa, Fábio Kerche, mostra como esse tipo de colaboração acaba formando laços de confiança que vão permear todo o trabalho de cobertura do Palácio do Planalto. No extremo, essa confiança leva a uma confusão de papéis, onde a lealdade do assessor não fica tão clara. Esse seria o último nível de hibridação que encontramos na nossa pesquisa.

### **6) Mesmo trabalhando em instituições diferentes assessores e jornalistas desempenhariam uma mesma função: dão transparência aos atos do governo.**

Neste ponto, os assessores admitem se balizar por alguns valores jornalísticos para desempenhar a sua função. Ser assessor de Presidência é ir além da simples promoção dos atos do assessorado, é possibilitar que informações vitais para o andamento da democracia cheguem à sociedade. De certa, eles se sentem diferentes dos outros assessores, na medida em que a sua função não teria relação direta com o trabalho do publicitário ou do profissional de relações públicas:

*Tenho minhas dúvidas se um assessor de imprensa que trabalha na administração pública não teria um perfil um pouco diferente da pessoa que está trabalhando numa empresa privada. No caso do assessor de uma grande empresa, eu tendo a concordar que ali não é função jornalística, é uma função muito mais próxima da publicidade, da divulgação. Mas aqui as coisas já se misturam um pouco mais porque o interesse que a gente tem aqui não é mercadológico, é um interesse público. (Ivan Marciglia).*

*Para mim, o jornalista é o cara que apura, é o cara que redige, é o cara que tem esse compromisso com a informação. Eu cuido do site da presidência. É através desse site que passo as principais informações que saem daqui para a imprensa. Meu papel é cuidar para que as informações que cheguem aos jornalistas o mais rápido, sem deixar dúvida. Não concordo com essa coisa de que o assessor faz um trabalho menor. Para mim, todos são essenciais para que no final a gente tenha a informação correta, mais limpa possível. (France Coelho).*

*O que eu faço aqui é uma atividade republicana, dou publicidade, no sentido de tornar público, as ações do governo para que a sociedade tome conhecimento. (Fábio Kerche).*

As hibridações entre jornalistas e assessores vão além da existência de pontos comuns nas rotinas de produção. Não se trata apenas de utilizar ferramentas comuns e trabalhar com objetivos diversos,

## Artigo

*Fabio Henrique Pereira*

mas de dividir com o jornalista a nobre função de informar a sociedade sobre o que acontece no mundo. A questão é saber se a lealdade dos assessores para com o leitor é realmente maior do que os laços que os unem ao poder público.

### Considerações finais

Antes de qualquer conclusão catastrófica sobre fim dos jornalistas, é preciso fazer algumas distinções sobre o que chamamos aqui de hibridação entre gêneros. Em primeiro lugar, como afirma Zélia Adghirni (2004), este é um processo em mutação. Pode ser perfeitamente possível que a partir dessa invasão das fronteiras que delimitam a identidade da profissão, uma nova definição de jornalista possa emergir. Parece claro que os critérios legais – como a exigência do diploma – ou o monopólio da informação já não são suficientes para esta distinção. Da mesma forma, a inserção do assessor num dos pontos da cadeia noticiosa – a qual ele tem pleno conhecimento – implica também num embaralhamento entre rotinas da produção. Não se trata de defender aqui a extinção do diploma ou o fim do mito do jornalista liberal, mas de apontar para a necessidade de buscar novas formas de compreensão do trabalho e da identidade do profissional da imprensa. Nesse sentido, esta pesquisa teve um caráter exploratório na medida em que apenas mapeou conflitos e convergências no trabalho de jornalistas e assessores.

Para os jornalistas que trabalham num redação e que nunca passaram por uma assessoria, este processo de hibridação não está claro. De fato, eles se consideram diferentes e superiores aos assessores e jornalistas que trabalham para o governo. Daí a ausência de depoimentos dos profissionais que cobrem o Planalto em defender posições mais favoráveis ao papel do assessor na produção da notícia. Isso, aliado à pouca disposição dos repórteres em conversar sobre seu trabalho justificam o excessivo espaço dado aos assessores na parte final de nossa análise. Não acreditamos que isso prejudique o estudo, na medida em que muitos assessores entrevistados foram jornalistas e trabalharam em redação. De algum forma, os dois lados foram contemplados.

É preciso dizer, por fim, que existem outros níveis de hibridação para além do que foi investigado na nossa pesquisa. Os jornalistas que trabalham nas mídias das fontes, por exemplo, conseguem embaralhar ainda mais as fronteiras profissionais, pois se comunicam diretamente com o público. Essa interface entre a agenda das mídias das fontes, a agenda dos jornalistas e agenda pública é tema de grande interesse dentro da hipótese de hibridação e vem sendo contemplado por trabalhos. ■

### *Referências Bibliográficas*

- ADGHIRNI, Zélia Leal. 'O jornalismo híbrido em Brasília: relações dúbias entre jornalistas, fontes e assessorias de comunicação'. *Anais do VI Lusocom*. Corvilhão, 2004.
- CASTANHO, Valéria. 'Assessoria de Comunicação na iniciativa privada, na área pública e no terceiro setor'. *Comunicação e Espaço Público*, Ano VI, Brasília, 2003, pp.195 – 206.
- LIPMANN, Walter, 'Esterótipos' e 'A natureza da notícia'. In STEINBERG (Org.) *Meios de Comunicação de Massa*. São Paulo, Cultrix, 1970 pp. 149-159 e 186-198
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação & Jornalismo - A Saga dos Cães Perdidos*. São Paulo, Hacker Editores, 2000.
- MORETSZHON, Sylvia. *Jornalismo em "tempo real" – o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro, Revan, 2002
- NÉVEU, Erik. *Sociologie du journalisme*. Paris (França), La Découverte, 2001
- RUELLAN, Denis. *Les pro du journalisme – De l'état au statut, la construction d'un espace professionnel*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1997.
- SERRANO, Estrela. *Jornalismo e elites do poder*. Biblioteca on line das Ciências da Comunicação, 26/07/2002. <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=serrano-estrela-jornalismo-elites-poder.html>>
- UTARD, Jean Michel. O embaralhamento nos gêneros midiáticos. Gêneros de discurso como conceito interdisciplinar para o estudo das transformações da informação midiática'. *Comunicação e Espaço Público*, Ano VI, Brasília, 2003, pp. 65-82.
- WOLTON, Dominique. *Pensar a Comunicação*. Brasília, Ed. UnB, 2004.

## Artigo

Fabio Henrique Pereira

### As relações entre jornalistas e assessores na Presidência da República: disputa ou cooperação?

Fabio Henrique Pereira

#### Resumo

Neste artigo analisamos as relações entre assessores de imprensa e jornalistas na cobertura jornalística diária do Presidente Lula. Para a realização da pesquisa, acompanhamos de 14 a 11 de janeiro de 2005 o trabalho diário do Comitê de Imprensa do Palácio do Planalto e da Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência (SID). Além disso, entrevistamos alguns jornalistas e assessores envolvidos nesta cobertura. O objetivo é, a partir dos conflitos e identificações que surgem nessas relações, entender como se configura uma identidade profissional híbrida entre as esferas de jornalismo e comunicação.

#### Palavras-chave:

Identidade profissional – jornalista – assessor de imprensa.

#### Abstract

*In this paper we analyze the relationships between press assistance and journalists in President's Lula daily journalistic covering. To make this study, we pursued, from January 11 to 14 daily, work of the Press Commit and Presidency Press and Publishing Secretary (Secretaria de Imprensa e Divulgação). More else, we interviewed some journalists and press assistance involved in this work. The objective is, by studying conflicts and identifying that appearing in these relationships, understanding how configures a hybrid professional identity between the fields of journalism and communication.*

#### Key Words:

*Professional identity – journalist – press assistance.*